

Azevedo Amaral

A
Verdade
sobre a
Avesanha

SEPARATA DE
"DIRETRIZES"

Em seu numero de Setembro

DIRETRIZES

publica. entre outros artigos:

de Azevedo Amaral:

A NOVA DEMOCRACIA

na "Politica do mês"

O PROBLEMA DO EXTREMO ORIENTE E O COLAPSO DO EIXO ROMA-BERLIM-TOKIO
no "Comentário Internacional"

E

A BABEL UNIVERSITARIA — artigo final da série

♦
de Graciliano Ramos:

DOIS IRMÃOS — O Norte em todos os seus aspectos, apreciado por este grande escritor brasileiro.

♦
de Cecil B. Brown.

A VERDADE SOBRE A ITALIA — ampla reportagem de um dos mais famosos jornalistas americanos.

♦
de Osorio Borba:

OS BANDIDOS E OS OUTROS

♦
de Gugliemo Ferrero:

DEBILIDADE E CONFLITOS IDEOLOGICOS

de Carlos Lacerda:

E O ESTADO DO RIO?

NO DIA PRIMEIRO DE CADA MÊS DIRETRIZES E' POSTA A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E BANCAS.

AZEVEDO AMARAL

A VERDADE
sobre a
ESPAÑA

(SEPARATA DA REVISTA «DIRETRIZES» - JULHO, 1938)

ALQUILER DE ARARI

A VERDAD

ESTAMOS

ESTAMOS

SCOTT, OHLSSON & CO. AGENTS FOR STANLEY

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

NÃO é infrequente publicações periódicas destacarem das suas páginas um artigo, que por motivos especiais atráe mais vivamente a atenção dos leitores, reproduzindo-o sob a forma de separata. Essa prática consagrada no periodismo universal justifica-se amplamente. Desde que o público se mostra particularmente interessado por um assunto e pela maneira como foi ele tratado nas páginas de uma revista, não seria possível satisfazer essa curiosidade, consideravelmente ampliada para além do círculo dos leitores habituais desse periódico, sem o recurso ao expediente da publicação separada do trabalho em apreço. A alternativa a esse método só poderia ser uma reedição total do número do periódico, o que evidentemente não corresponderia de modo conveniente ao objetivo em vista.

O "COMENTARIO INTERNACIONAL" publicado na edição de Julho de DIRETRIZES, e versante sobre os acontecimentos que se vêm desenrolando há dois anos na Espanha, mereceu do público um acolhimento excepcional e, podemos mesmo dizer, fóra do usual no tocante ao modo como são entre nós recebidas as revistas. Não somente se esgotou integralmente aquela edição de DIRETRIZES, como durante semanas temos recebido em cartas, em telefonemas e em comunicações verbais de visitantes, insistentes pedidos de exemplares que infelizmente não podemos fornecer a esses leitores amigos, pelo simples fato de não os possuirmos mais. Parece portanto que nada mais precisamos

acrescentar como justificação da nossa decisão, publicando agora em separata, sob o título "A VERDADE SOBRE A ESPANHA", o "COMENTARIO INTERNACIONAL" da autoria do nosso diretor Azevedo Amaral, e que figurou em nossa edição de Julho.

Alem do motivo que acabamos de apresentar, e que sob o ponto de vista periodístico é suficiente para justificar esta separata, ha outra razão e esta de ordem nacional, que veiu reforçar a nossa decisão. A guerra civil espanhola é um acontecimento que não deve ser apreciado apenas pelo interesse dramático das cenas que se passam no territorio da velha e gloriosa Espanha. Aquela luta que atráe para a Peninsula Ibérica as atenções do mundo inteiro, assumiu com a intervenção das duas potencias totalitarias da Europa central, a Itália e a Alemanha, o carater de um fato político de extrema gravidade.

Não se trata de uma guerra civil em que espanhóis divididos por opiniões e crenças se degladiem em um conflito mutuamente destrutivo. O carater propriamente nacional da crise espanhola, foi logo no inicio da conflagração radicalmente modificado pelo aspecto internacional que a guerra tomou. Duas grandes potencias, premidas pela fome de materias primas, intervieram afrontosamente, acobertando os seus planos de domínio sobre as vastas reservas minerais contidas no sub-sólo da Espanha e as suas ambições de posse de pontos estratégicos do territorio espanhol, com o simulacro da defesa de princípios ideologicos. O que ocorre hoje na Espanha não é na realidade uma guerra civil, mas uma invasão estrangeira a que resistem heroicamente os espanhóis congregados em torno da bandeira republicana, enquanto os seus irmãos mais infelizes anceiam, sob o jugo do invasor, pelo dia da libertação da patria.

Essa luta em que se empenham de um lado as forças heroicas da Espanha nova e do outro as tropas do fascismo e do nazismo, e na qual o chefe nominal da rebelião anti-nacional é apenas um insírumento nas mãos dos conquistadores da Espanha, não afeta apenas os destinos da velha nação ibérica. A conquista da Espanha pelos governos totalitários da Europa central, que sobre ela dominariam por





A MÃE ESPANHOLA



DEFENSORES DA REPUBLICA

intermedio de uma administração fascista, pseudo-nacionalista, seria apenas a primeira etapa na realização dos planos com que as potencias estomeadas por materias primas ameaçam o continente americano e particularmente o Brasil.

Não estamos fazendo conjecturas, nem formulando hipóteses coloridas por um pessimismo imaginoso. O que acabamos de afirmar tem sido dito e repetido pelos mais sagazes observadores internacionais na imprensa de todas as nações. E mais que isso, as mesmas cousas têm sido declaradas no plenario e na comissões parlamentares das duas casas do Congresso dos Estados Unidos. Somente o Brasil que é a vítima já demarcada para saciar a fome de materias primas das potencias totalitarias, parece continuar ignorando que a nossa sorte se está tambem decidindo nas batalhas que se travam na velha terra espanhola. A ignorância a esse respeito tem sido tão grande e tão assombrosa, que se formaram entre nós correntes simpáticas aos que por via ibérica estão preparando a avançada para o território do Brasil...

Felizmente a percuscente sagacidade política e o profundo sentimento nacionalista do Presidente Getulio Vargas, constituem garantia de que o Brasil saberá preparar-se para quaisquer eventualidades em que tenhamos de fazer um esforço heroico em defesa da nossa independencia e do patrimonio da nossa riqueza nacional. Aliás, medidas adotadas recentemente pelo governo da República, indicam de modo tranquilizador que as energias organizadas do Estado Novo, sob a direção firme e eficiente do Chefe da Nação, já vão sendo mobilizadas em proveito da segurança nacional.

Acreditamos que com a publicação deste folheto e dando maior circulação ao que dissemos sobre a questão espanhola, na edição de Julho de DIRETRIZES, estamos contribuindo para formar uma corrente de opinião em apoio de tudo que o governo fizer para tornar o Brasil forte e inviolável.

A VERDADE SOBRE A ESPANHA

AFASE de perturbação na política internacional europeia, iniciada em 1935, com a agressão italiana á Etiopia, tornou-se particularmente aguda no ano seguinte, em consequencia dos sucessivos incidentes determinados pela guerra civil espanhola. Sob varios pontos de vista, os acontecimentos desenrolados na peninsula ibérica apresentam ao observador o mais alto interesse, como indice que são dos aspectos inteiramente novos do jogo das forças internacionais na época atual. Completam-se este mês dois anos de luta, em que os dissídios internos, suscitados na Espanha pelo choque violento de correntes irreconciliaveis, têm sido agravados e extraordinariamente complicados pelas intervenções, a principio disfarçadas, e mais tarde ostensivas, das duas potencias da Europa central nos negócios internos da republica espanhola.

Um golpe de vista retrospectivo sobre essa guerra civil, que de certo modo tem sido tambem uma guerra internacional, e analise dos

ANTECEDENTES DO CONFLITO

parecem portanto oferecer interesse, não só pela importancia intrínseca dos acontecimentos em apreço, como tambem pela significação e alcance por eles apresentado em relação a problemas de carácter mundial. Para que se possa formar uma idéa da natureza da luta que vem ha vinte e quatro meses dilacerando a Espanha, e compreender-se certos traços á primeira vista estranhos da crise que tão profundamente abala a velha nação iberica, é imprescindivel examinar certos fatos precedentes á insurreição das forças reacionarias espanholas contra o governo republicano.

A Espanha até Julho de 1936 constituia o ultimo remanescente da situação que começou a ser destruída, há um século e meio, pela revolução francesa, e que em todo o resto da Europa veiu a ser liquidada pelo choque formidável da grande guerra. Em toda a extensão do continente europeu, ou mais precisamente nas regiões do ocidente e do centro da Europa, o regime feudal, que na Inglaterra evoluira para uma organização democrática, desde as duas revoluções do século XVII, foi violentamente abalado e em França completamente destruído pelos efeitos económicos, sociais e políticos da crise revolucionária de 1789 e 1792. A esse movimento geral de transformação histórica, que se foi completando durante mais de um século, escapou apenas um país — a Espanha.

Em pleno século XX, quando da Paz de Versalhes emergia uma nova Europa, desarticulada do passado feudal e encaminhada no sentido de formas novas e ainda enigmáticas de organização, a Espanha continuava a ser a velha nação de Isabel e Fernando, de Carlos V, e de Felipe II. A repercussão da ideologia da revolução francesa produzida na Espanha pela invasão napoleónica, não tivera como resultados concretos mais que a formação de correntes democráticas, algumas das quais caracterizadas pelo seu extremo radicalismo e por tendências inequivocavelmente revolucionárias.

Essas forças que com o correr do tempo e sob a pressão de fatores económicos e de influências culturais se foram enormemente avolumando, não haviam conseguido, contudo, exercer jamais atuação direta e efetiva no governo do país e na elaboração das suas leis. O curto episódio republicano da década de 70 do século passado fora apenas um reflexo das vicissitudes do militarismo enraizado na vida espanhola e não envolvera uma integração das massas populares e dos expoentes do pensamento político adiantado nos quadros dirigentes da nação.

O rápido e fácil golpe revolucionário, que em Abril de 1931 destruiu a monarquia, foi o prelúdio da nova fase histórica, em que então entrou a Espanha contemporânea. Digo prelúdio porque, embora a organização da nova república tivesse sido poderosamente influenciada pelas correntes democráticas, os quadros tradicionais da organização nacional mantiveram-se mais ou menos intactos e as forças por eles representadas, resignando-se ao inevitável, con-

servaram-se entretanto em atitude de expectativa á espera da hora da reação com que contavam.

O contraste entre essa Espanha, que mesmo republicanizada permanecia envolvida em uma atmosfera arcaica, com o resto da Europa, e melhor direi do Ocidente, não se restringia a aspectos politicos e sociais. Uma estrutura economica, que fazia sobreviver em pleno seculo XX condições evocativas do ambiente espanhol do seculo XVI, singularizava a grande nação ibérica como um espartoso, quasi sinistro anacronismo histórico. O regime agrario conservava na prática vestigios inequivocos da persistencia do espirito da servidão feudal. Observadores estrangeiros ficavam assombrados diante das condições em que viviam aqueles servos da gléba, a despeito das suas prerrogativas de cidadãos de uma republica democratica.

Tres forças haviam representado atravez de toda a história espanhola, desde a unificação da monarquia nos dias de Isabel e Fernando, a base triangular daquele sistema de predominio de castas privilegiadas sobre as massas da população. A Monarquia, o Exercito e a Igreja, eram esses os três esteios da Espanha arcaica. Em 1931 a realeza sossobrou na maré alta do republicanismo vitorioso. Mas o Exercito e a Igreja, a ultima bastante abalada no seu poderio, persistiram como expressões de resistencia e reação, dispostos a deter a marcha da evolução nacional. Durante quasi cinco anos a onda reacionaria se foi formando, a principio subterraneamente, mais tarde de modo ostensivo, e mesmo afrontoso, ao espirito das instituições republicanas.

A vitória reacionária sobre os elementos democraticos das Asturias, em 1934, parecia destinado a marcar o inicio da marcha vencedora das forças retrogradadas.

Mas é empreitada superior ao engenho e aos recursos dos mais eficientes elementos de reação, deter o curso fatal do desenvolvimento historico. No seculo XX para que um movimento reacionário possa, mesmo temporariamente triunfar, é preciso que ele se disfarce com a camouflage do modernismo democratico e das aspirações populares, como o comprehenderam sagazmente Mussolini e Hitler. Reacionarios espanhóis não tinham a flexibilidade e a adaptabilidade ao ambiente contemporaneo dos organizadores das ditaduras da Europa central. Eram homens de outros tempos que falavam a linguagem morta de Torquemada e de D. Fernando

de Toledo. Acreditavam na invencibilidade da sua fé nos antigos deuses de épocas remotas. E não admitiam que nenhuma força pudesse contrabalançar o poder da espada manejada por um pulso de ferro...

Na Espanha de 1936 os métodos dos sobreviventes da inquisição e os processos dos descendentes do Duque de Alba já haviam perdido a melhor parte da sua eficácia. O pleito eleitoral de 16 de fevereiro daquele ano, veiu representar na história da Espanha papel idêntico ao do assalto da Bastilha pelo povo de Paris em 14 de julho de 1789. A velha cidadela da Espanha de Felipe II foi investida e conquistada. Uma etapa nova começava na evolução espanhola. As massas populares dirigidas por forças intelectuais de variados matizes ideológicos, mas unificadas pelo pensamento comum de renovar a Nação, tornaram-se avalanche irresistível e que ameaçava varrer na sua passagem a estrutura antiquada de uma sociedade cuja sobrevivência era um paradoxo histórico.

A INSURREIÇÃO DO PASSADO

era entretanto inevitável, porque o povo espanhol, ao despertar da sua nova consciência política, sofria as consequências da opressão espiritual, que durante quatro séculos o esmagara e fizera a Espanha decair da posição de predomínio mundial ao estado lastimável de um grande museu de instituições e homens fossilizados.

As próprias condições que haviam recalcado as forças da inteligência através da história espanhola, tinham exercido uma influência perturbadora no desenvolvimento das ideias e das tendências políticas. Correntes multiplas e dificilmente reconciliáveis se haviam formado na alma coletiva de um povo que se debatia nas trevas, procurando abrir caminho para a luz que já esclarecia as outras nações europeias.

Dai uma inevitável confusão política e uma perigosa falta de coesão das forças democráticas, afinal dominadoras da situação política do país. Os reacionários compreenderam que essa frente democrática, heterogênea e enfraquecida por contradições ideológicas e por profundos antagonismos de interesses, poderia ser enfrentada com possibilidade de sucesso em um choque violento e resoluto. Entretanto os chefes das correntes retrogradas não se afotaram à investida contra a República, sem apelarem para um

FATOR ESTRANGEIRO

que deveria ser no curso ulterior dos acontecimentos o elemento preponderante da crise que se ía precipitar.

Começa então a delinear-se o quadro da intervenção dos imperialismos esfomeados por materias primas e que deveria ser o ponto central da luta, em que ha dois anos vai sendo sacrificado o povo espanhol.

No após-guerra, surgiu na política internacional um fato novo de incalculável alcance, como causa de perturbação das relações entre os Estados e de ameaça permanente á estabilidade da paz. O nacionalismo economico, com a sua tendencia á formação de autarquias ou quasi-autarquias, creou uma situação sem precedente nos tempos modernos, relativamente ao aproveitamento das materias primas essenciais á produção industrial. Cada nação por cura, por uma serie de medidas restritivas da liberdade económica, conservar para seu uso exclusivo ou para serem cedidas apenas aos países que lhe convêm as materias primas existentes nos territórios colocados sob a sua soberania. Assim um país privado desses recursos naturais vê-se em face de um dilema, a cujas pontas não pode escapar. Incorpora-se em uma situação mais ou menos disfarçada e pomposa de vassalagem internacional aos privilegiados detentores de materias primas, ou resigna-se á pobreza e á decadencia politica e cultural que é o destino das nações pobres. Isso acontece no caso das nações fracas, mas quando o destituído de materias primas dispõe de elementos demograficos suficientes para permitir-lhe a mobilisação de grandes exercitos e tem ao seu alcance recursos técnicos e culturais para organizar-se militarmente, a situação é muito diferente. Uma nação nestas ultimas condições pode recusar-se á resignação, diante das duas alternativas a que acima me referi. Resta-lhe ainda o alvitre de apoderar-se á mão armada das reservas de materias primas possuidas por terceiros.

Ora, é exatamente esta ultima hipótese que se apresenta no caso de duas grandes potencias europeias. A Alemanha e a Italia acham-se esfomeadas por materias primas. Na época anterior á guerra de 1914, o regime da liberdade de comercio então vigente permitia áquelas duas grandes nações obterem nos territórios de outros Estados, inclusive de potencias com que se achavam em ri-

validade politica, todas as materias primas de que careciam para as necessidades das suas industrias. Tratava-se de uma questão meramente economica. Bastava poder pagar e a aquisição das materias primas necessarias ficava automaticamente garantida. Hoje semelhante cousa é impossivel, e o suprimento de materias primas depende da boa vontade de governos estrangeiros. Estes, si as suas conveniencias politicas os induzirem a assim proceder, poderão literalmente reduzir ao aniquilamento industrial e á pobreza dois povos aparelhados com elementos para levar ao mais alto grau a sua industrialização.

Não é portanto incompreensivel que se haja desencadeado sobre o mundo a terrivel ameaça de uma guerra, em que potencias politica e militarmente eficientes se arremessarão sobre as outras nações, afim de escaparem á fatalidade de uma pobreza irremedavel. E embora de semelhante situação resulte terem se tornado aquelas potencias inimigas naturais do resto da humanidade, é forçoso reconhecer que semelhante situação decorre logicamente dos erros de um desmedido nacionalismo economico, cujas consequências poderão redundar no aniquilamento da civilização. Aliás, esta verdade foi reconhecida em 1935 pelo então ministro das Relações Exteriores da Gran Bretanha, sir Samuel Hoares, em um notavel discurso que pronunciou na Liga das Nações no debate das sanções impostas á Italia em 1935, e no qual aquele estadista inglés reconheceu a necessidade de um reajustamento, no sentido de um aproveitamento menos egoistico e mais racional das materias primas existentes no mundo.

No meio dessa situação a posse de abundantes e valiosas reservas de materias primas, pode tornar-se um infortunio para um povo fraco. Foi precisamente isto que aconteceu com a Espanha em consequência da

RIQUEZA DO SUB-SÓLIO ESPANHOL

que se tornou na crise atual o centro da complexa e gravissima situação surgida em Julho de 1936.

Os planos reacionarios dos elementos representativos do espirito retrogrado da Espanha não podiam deixar de interessar vivamente a Alemanha e a Italia. A natureza reuniu no sub-sólio do grande país ibérico riquezas minerais de inestimavel valor. Obter

o controle dessas opulentas reservas de materias primas, por intermedio de um governo que á sombra das suas analogias ideologicas com o social-nacionalismo e com o fascismo se dispuzesse a ser o aliado economico, politico e militar das potencias centrais, era a mais simples e comoda solução do problema de que depende o futuro da Alemanha e da Italia.

A proximidade geografica e a facilidade dos transportes viariam fazer com que as duas potencias totalitarias, uma vez no gôzo privilegiado da riqueza mineral espanhola, saciassem a sua fome de materias primas, de molde a despertar justificada inveja das suas rivais. Assim, para Berlim e para Roma a guerra civil espanhola se tornou uma campanha européa para resolver a premente questão, em torno da qual gira o destino economico daqueles paises.

A ATITUDE DA INGLATERRA

diante de semelhante situação apresentou desde o inicio da guerra civil aspectos complexos e mesmo contraditorios. Para esclarecer tanto quanto possivel esta complexidade, convem examinar separadamente os pontos de vista em que, pela força das circunstancias, Londres e Paris tinham de encarar respectivamente os acontecimentos desenrolados na peninsula ibérica.

Para a Inglaterra o problema espanhol apresentava alem de outros, tres aspectos essenciais. Em primeiro lugar tinha de ser considerado o alcance que a ascendencia da Alemanha e da Italia na Espanha poderia ter sobre a segurança das comunicações da Gran Bretanha com os dominios e colonias da Commonwealth Britanica. A este ponto seguia-se a questão dos interesses concretos que o capital inglês tem na Espanha. E finalmente, não podia ser esquecido o efeito exercido pela organisação nacional que viesse a ser adotada na Espanha sobre a mentalidade politica dos outros povos europeus e até mesmo sobre as massas da população britanica.

Durante os ultimos dois anos a politica seguida pela Inglaterra em relação ao caso espanhol tem sido orientada, de um modo geral, pela importancia relativa que o governo britanico vai dando áqueles três aspectos do problema que o defronta. As incoerencias, os sinais de fraqueza e muitas atitudes aparentemente,

incompreensiveis da Gran Bretanha decorrem, a meu ver, de dificuldades reais, que não podem deixar de paralisar qualquer iniciativa, coerentemente desenvolvida pela Inglaterra em relação aos acontecimentos que se passam.

Logicamente se deveria esperar que toda a força do poder inglês, desde o momento da insurreição reacionaria, inequivocadamente apoiada pela Alemanha e pela Italia, deveria inclinar-se no sentido de auxiliar o governo republicano. O predominio italo-germanico, na Espanha envolve prejuizos economicos, desvantagens politicas e, o que é ainda mais serio, uma grave ameaça á segurança das comunicações da Inglaterra com o seu império.

Entretanto a linha de ação que parecia tão claramente traçada por injunções iniludiveis, ia chocar-se com interesses britanicos que o governo inglés não podia pôr á margem.

A soma de capitais britanicos invertidos na Espanha forma um agregado muito substancial e os seus lucros representam quota muito apreciavel da renda nacional ingleza. E uma parte considerável desses capitais está aplicada em propriedades agricolas. A influência desses interesses capitalistas neutralisou desde o principio da guerra civil as razões politicas, economicas e navais, que militavam no sentido de um apoio aos republicanos espanhois. Estes, dadas as condições politicas da Espanha, tinham de fazer concessões aos grupos da esquerda e mesmo da extrema esquerda, que estavam representando papel tão decisivo na resistencia aos insurretos. Podia-se portanto prever que uma vitória completa e esmagadora do governo republicano, fosse seguida de reformas economicas, principalmente no setor agrario em que elas já estavam sendo iniciadas.

A perspectiva de tais reformas desagradava tanto aos capitalistas ingleses interessados na Espanha, como aos capitalistas e proprietarios territoriais espanhois que se incorporavam ao movimento reacionario, exatamente pelo temor daquelas medidas. Fácil é portanto conceber-se as proporções da pressão exercida pelos interesses a que me referi, no sentido de paralizar qualquer ação do governo inglés no prosseguimento do rumo que logicamente tinha a seguir e que o levaria a apoiar, sem reservas, o regime republicano espanhol. Nesse caso ha um interessante e instrutivo exemplo das contradições que na hora atual se apresentam na

vida interna das nações, opondo interesses de grupos ao interesse nacional.

Finalmente, não deve ser esquecido o terceiro elemento a que aludí, e que consiste no temor inspirado ao grupo mais intransigente do partido conservador, pela perspectiva da consolidação de um regime francamente esquerdistas na Espanha. Embora este fator tenha sido menos poderoso que os dois primeiros assinalados, é indiscutível que contribuiu consideravelmente para criar ao governo britânico embaraços a qualquer ação mais energica em oposição aos insurretos espanhóis.

O PONTO DE VISTA FRANCÊS

não podia deixar de ser de um modo geral analogo ao da Grã Bretanha, mas as razões que levam a França a encarar com sérias apreensões uma vitória nacionalista são ainda mais prementes. Si é certo que para a Inglaterra o predominio político de Alemanha e da Itália na Espanha é ameaça grave às comunicações com o seu império, o perigo que resultaria para a França de semelhantes situações seria de caráter mais imediato e vital.

Embora o Mediterrâneo constitua o caminho normalmente imprescindível para as comunicações da Inglaterra com as suas possessões asiáticas e do Pacífico, a interrupção temporária dessa rota não envolveria necessariamente efeitos catastróficos. Como sucedeu á passagem pelo Mediterrâneo, subsistiria o roteiro do Cabo da Boa Esperança que, aliás, há uns setenta anos atrás, até a abertura do Canal de Suez, era o único existente. Mas para a França o Mediterrâneo representa o meio de comunicação com a África e a Tunísia, o que constitui elemento indispensável à utilização das tropas africanas em caso de mobilização geral. Compreende-se assim que a França, por esse simples motivo, se veja na contingência de apreciar o problema espanhol com muito mais ansiedade que a Inglaterra.

E para tornar essa atitude ainda mais acentuada, acresce a consideração de que o predominio alemão e italiano sobre a Espanha envolveria a criação da ameaça permanente de uma agressão na fronteira dos Pirineus e na zona marítima da Biscaya. Ora, os planos militares franceses têm até agora se baseado no presu-

posto de neutralidade espanhola, ou pelo menos da relativa fraqueza militar do vizinho de sudoeste.

Si uma Espanha fascista fosse organizada militarmente por técnicos alemães, e ficasse constituindo uma aliada das potencias da Europa central, a França seria obrigada a reajustar o seu sistema de defesa, tendo de enfrentar problemas novos e muito mais complexos e dificeis.

A RUSSIA E O CASO ESPANHOL

Outro fator que veiu aumentar a complexidade internacional da questão espanhola, creando nela aspéitos peculiares para a Inglaterra e tambem, embora em escala muitissimo menor para a França, foi a inevitável intervenção russa na guerra civil desencadeada na república ibérica.

O interesse mostrado pela Russia em relação á sorte do governo republicano espanhol, foi uma consequência inevitável da atitude assumida nessa questão pela Alemanha e pela Italia. Nenhum observador que tenha acompanhado com atenção os acontecimentos, poderá contestar que a intervenção de Moscou só ocorreu como represalia, ou antes, para neutralizar a ação militar desenvolvida na Espanha pelos dois governo totalitários do centro europeu. Esta verdade demonstra-se até pelo simples cotejo cronológico das intervenções.

Alem disso é forçoso reconhecer que a Russia não exerceu em fáse alguma da guerra civil, intervenção com o carater declarado e nas proporções materiais em que o têm feito a Alemanha e a Italia. Este ponto é interessante porque nele se encontra a explicação de varios incidentes que têm caracterizado a aplicação da chamada política de não-intervenção proposta pela Inglaterra.

Mos o ponto importante a salientar em conexão com as considerações aqui desenvolvidas, é o efeito determinado pela atitude da Russia sobre a orientação da Inglaterra e em menor escala da França.

Para a Grã Bretanha a penetração da influência russa na península ibérica é questão muito séria e delicada. O aspetto ideológico do caso tem importancia muito secundaria. As possibilidades da infiltração bolchevista através da projeção politica da Russia, é causa que pode preocupar alguns elementos do extremismo

conservador britanico, e sobretudo certas camadas da burguesia media e da pequena burguesia, em geral inclinadas ao temor dos perigos exóticos. Mas nos círculos que realmente dirigem a política inglesa esse aspéto da questão é descontado consideravelmente, e quando muito, representa um fator de importância relativamente insignificante.

Entretanto a Russia, não por ser um centro de irradiação marxista, mas por motivos políticos e militares é realmente a única potência que preocupa a Inglaterra. Não obstante as condições do mundo se terem modificado profundamente desde a grande guerra, os dirigentes da política ingleza continuam a ter a convicção de que qualquer inimigo que a Grã Bretanha tenha de enfrentar no mar, será incapaz de conseguir abalar definitivamente a solidade do Império.

Essa convicção que certos fatos pareceriam de molde a fazer crer fosse exagerada, corresponde contudo a uma análise do problema da defesa da Inglaterra. Possuindo ainda uma incontestável superioridade no tocante aos recursos de capital, de capacidade técnica, inclusive um operariado educacionalmente melhor aparelhado que o dos outros países, a Inglaterra, desde que mobilize com energia esses elementos, pode assegurar na organização das suas forças navais e também aéreas, uma posição que lhe permita repetir o que já vem alcançado desde o inicio dos tempos modernos: — vencer o adversário com que pode lutar, pondo em contribuição os seus recursos técnicos e capitalistas.

Mas a Russia, pela sua situação geográfica, acha-se em condições de ameaçar a estrutura do Império Britânico sem ter necessidade de enfrentar o poder inglês no terreno em que este sempre teve, e ainda continua a possuir grandes vantagens. Foi a perspectiva dessa possibilidade que fez com que durante todo o século XIX, a Inglaterra opusesse os embargos que se achavam ao seu alcance para criar obstáculos à expansão russa na Ásia Central. E são precisamente os mesmos motivos, e não o receio do bolchevismo, que levam hoje a Grã Bretanha a encarar com desconfiança e apreensões toda a atuação russa na política europeia.

Facil é compreender-se que a possibilidade de uma acentuação da influência russa na Espanha preocupe muito o governo britânico. A Russia, pela sua posição geográfica e atualmente pela situação da nova Turquia criada por Mustafá Kemal, já tem possibi-

lidades de atuar na bacia oriental do Mediterraneo, de modo pouco tranquilizador para os interesses ingleses. Si o governo de Moscou adquirisse uma base politica, e possivelmente naval no Mediterraneo occidental, a situação tornar-se-ia extremamente delicada. A Inglaterra que pode encarar com uma certa tranquilidade a perspectiva de uma interrupção da passagem mediterranea pela Italia, teria um problema muitissimo mais serio a resolver si um dia a Russia pudesse dominar as duas extremidades do mar interior.

A propria França, que mais uma vez se acha ligada á Russia por um pacto defensivo, não pode tambem olhar sem alguma inquietação para a perspectiva da instalação do seu aliado de leste em condições de dominar as suas comunicações com as colonias do norte da Africa. Para a França, como já tenho tido occasião de observar no COMENTARIO INTERNACIONAL, a questão do Mediterraneo assume proporções de carater tão vital, que diante delas os interesses britanicos naquela região podem ser em comparação julgados quasi secundarios. Por enquanto a Italia é atualmente a unica rival oposta aos interesses franceses no mar interior, uma vez que para a Gran Bretaña aquelas aguas têm apenas o valor de constituirem a passagem mais rapida para o Oriente.

Duas outras potencias têm ambições de atingir o Mediterraneo. Uma delas é a Alemanha, e a outra a Russia. Por melhores que sejam as relações diplomaticas entre Paris e Moscou, a França tem forçosamente de considerar a gravidade de uma situação em que o problema do Meiterraneo se complicasse pela extensão da influência russa naquela região.

AO CABO DE DOIS ANOS

de lutas, cujos efeitos destrutivos provavelmente se farão sentir por longo tempo na economia espanhola, ainda não é possível determinar com relativa segurança as probabilidades concernentes ao desfecho dessa prolongada e destrutiva guerra civil. Os acontecimentos desenrolados na Espanha foram sempre um tanto confusos e por toda a parte não foi fácil comprehender-los com exatidão. Mas entre nós essa confusão atingiu proporções verdadeiramente surpreendentes, devido ás manobras tendenciosas com que se procurou crear no publico brasileiro idéas falsas sobre o que se pas-

sava naquele país europeu. Quem teve ensejo de comparar as notícias publicadas no Brasil com o que aparecia nos jornais e revistas dos países da Europa, dos Estados Unidos e da Argentina, não podia escapar à impressão de que a imprensa brasileira transmitia aos seus leitores informes, não acerca do que acontecia na Espanha, mas a propósito de alguma outra guerra ocorrida em país diferente ou talvez mesmo em algum outro planeta.

Realmente se nos fossemos guiar pelo que há dois anos é divulgado aqui pelas agências telegráficas, em um noticiário que se diria elaborado especialmente para uso dos brasileiros, o general Franco há muito tempo deveria estar senhor de toda a Espanha...

Entretanto a verdade é que o chefe nacionalista, a não ser pelas conquistas, de fato importantes que realizou no ano passado na região basca, quasi nenhuma vantagem militar adquiriu além das obtidas imediatamente após o desfecho do golpe insurreccional. E a ocupação da maior parte do território espanhol não representa para o chefe nacionalista um fator de tanta importância como à primeira vista pode parecer. Talvez mesmo sob o ponto de vista militar, uma das maiores dificuldades com que tem lutado o general Franco tenha sido a ocupação de tão extensa área, o que o obriga a desviar para a sua retaguarda uma parte muito considerável das suas forças, incumbidas de manterem em atitude de involuntária tranquilidade populações que em grande parte, e em muitos casos na sua maioria, são formadas por elementos hostis à causa nacionalista.

Mas o desfecho da guerra civil espanhola não depende mais dos próprios espanhóis. A luta que se trava, perdeu o caráter de um conflito armado entre correntes políticas antagonicas, para assumir o aspecto inequívoco de uma **invasão estrangeira**, a cujas forças se acha aliado o general Franco na posição de protegido.

Os elementos propriamente espanhóis que combatem pelos nacionalistas constituem hoje uma força que não seria capaz de enfrentar isoladamente as tropas republicanas. Se a Alemanha retirasse da Espanha os técnicos e aviadores que para ali mandou, e se a Itália concordasse em chamar o exército italiano que peleja contra o governo republicano, os nacionalistas não poderiam sustentar a luta por mais tempo, e o caso espanhol seria simplesmente resolvido pela vitória democrática.

Não se pode contudo esperar que a Alemanha, e sobretudo a Italia, concordem facilmente em desinteressar-se pela sorte do general Franco. As duas potencias centrais comprometeram-se demasiadamente na questão espanhola para não poderem mais encarar a perspectiva da derrota nacionalista, sem levar em conta o enorme desprestígio que daí lhes resultaria.

O caso da Italia é principalmente delicado. A Alemanha embora tenha prestado aos nacionalistas inestimável concurso com o suprimento de material belico e com a remessa de aviadores e de técnicos militares, nunca assumiu em relação aos acontecimentos da Espanha uma atitude tão ostensiva e tão comprometedora como a Italia. Esta além de ter na Peninsula Ibérica um numeroso exército que opera como se estivesse empenhado em verdadeira guerra italiana, ficou ligada á sorte dos nacionalistas pelas declarações positivas do sr. Mussolini.

A opinião italiana encara o que se passa na Espanha como uma guerra sustentada pela Italia contra o governo republicano espanhol. E si este viesse a sair vencedor da luta, a repercussão entre os compatriotas do Duce, seria simplesmente desastrosa para o prestígio do governo fascista. Em tais circunstâncias é fácil compreender-se a delicadeza da situação internacional e as dificuldades com que lutam os governos da Inglaterra e da França para induzir a Italia a retirar as suas tropas, que são atualmente o sustentáculo quasi exclusivo da causa nacionalista.

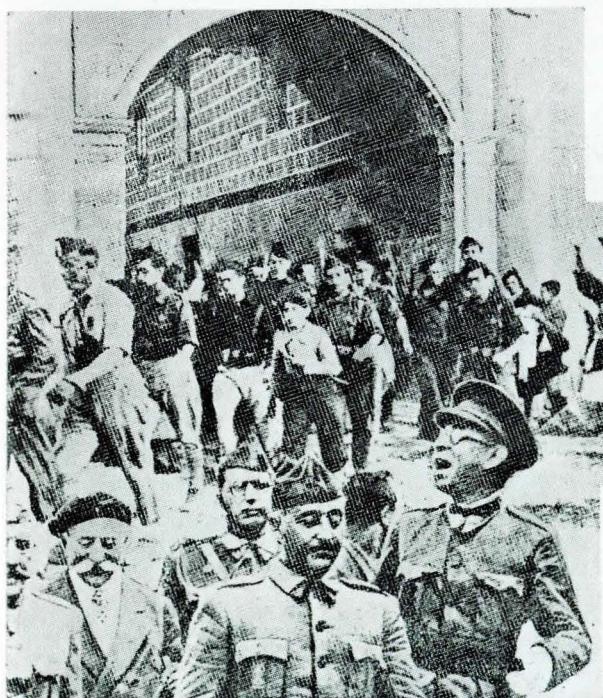
Uma derrota italiana na Espanha poderia refletir-se em imprevisíveis acontecimentos na Italia. E tanto a Inglaterra como a França, principalmente a primeira, não podem encarar sem apreensões a perspectiva de uma crise interna italiana, capaz de provocar ali uma situação revolucionária.

Ao cabo de dezesseis anos de regime fascista desapareceram da vida italiana as forças políticas que poderiam, no caso de um colapso do fascismo, manter a nação dentro dos quadros de uma organização conservadora. E a possibilidade de reações violentas das forças sociais comprimidas pelo atual regime, crearia na Europa um estado de coisas que a Inglaterra e a própria França não podem desejar.

Assim a condescendência que a Inglaterra e a França mostram em relação à Italia, no caso da retirada das tropas italianas da Espanha, decorre muito menos do receio de uma resistência ca-

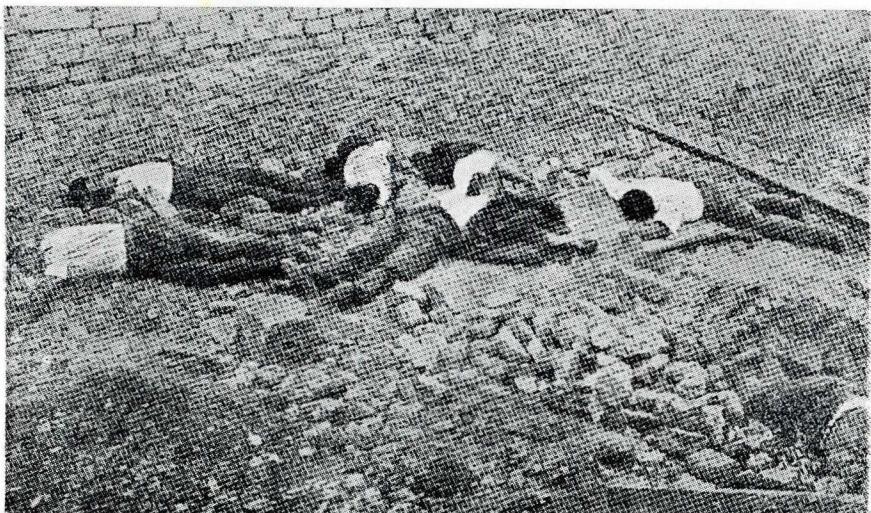


Mais uma prova do cinismo da propaganda facciosa de Franco. Estes dois clichés representam o mesmo instante da entrada de Franco numa cidade, "aclamado com entusiasmo". Observe-se a ingenuidade grotesca desta superposi-



ção fotografica. Na fotografia autêntica o "entusiasmo" desaparece, e só reaparece na falsa, graças à boa vontade do fotógrafo amador que executou esse péssimo serviço. Entretanto, estes meios de burlar a opinião pública mundial, ainda hoje são usados pela imprensa fascista.





Civis republicanos fuzilados pelos invasores



Esta absurda fotografia é explorada pelos franquistas, como prova das "atrocidades" republicanas. Entretanto, basta olha-la com atenção para se verificar que o soldado aponta a arma para um lugar muito distante de suas vitimas. Aliás, é surpreendente, que um só soldado seja destacado para fuzilar quatro pessoas...

paz de desequilibrar a paz da Europa, que do temor dos efeitos ulteriores de um brusco e dramatico colapso do governo fascista. Nesse caso temos mais um exemplo tipico da extraordinaria complexidade dos problemas que ora se apresentam na politica europeia, e tambem uma explicação de atitudes que á primeira vista parecem apenas inspiradas por uma preocupação de evitar a guerra.

Procura-se, sem duvida, afastar a todo transe um conflito internacional. Mas o motivo dos esforços para defender a paz é muito menos o temor dos adversarios possiveis que o medo da situação que surgiria da guerra, e até mesmo da propria derrocada dos governos das potencias inimigas. O exemplo do que se passou na Russia, em 1917 não permite que em Londres e Paris se pense sem sobressaltos na possibilidade de uma queda brusca de Mussolini e Hitler...

ASPECTO MUNDIAL DA CRISE ESPANHOLA

Encerrando este rapido golpe de vista sobre a guerra civil espanhola, acrescentarei apenas algumas linhas, focalisando a significação que aqueles acontecimentos oferecem sob o ponto de vista dos países militarmente fracos e que possuem reservas de matérias primas. Se a Alemanha e a Italia conseguissem firmar o seu domínio sobre a Espanha, não seria apenas a velha nação ibérica que passaria a fazer parte da órbita política e econômica das potencias totalitarias da Europa central.

A conquista da Espanha envolveria a ascendencia teuto-italiana sobre o arquipelago das Canárias e as ilhas africanas que a Espanha ainda possui na parte meridional do Atlântico equatorial.

Essas ilhas, principalmente as Canárias, prestam-se em condições inexcedíveis para bases de possíveis operações contra o continente americano. Ainda há poucas semanas na Casa dos Representantes dos Estados Unidos esse assunto foi discutido, tendo sido salientado que as Canárias representavam gravíssima ameaça dirigida simultaneamente contra o Canal do Panamá e contra o Brasil.

Mais não é preciso dizer para mostrar que em vez de continuarmos a observar o que se passa na Espanha, como se estivéssemos assistindo a uma tourada, devemos pensar seriamente nos

efeitos que o desfecho da luta travada naquele país poderá ter sobre a segurança do Brasil.

Enquanto as duvidas ainda persistentes acerca do caso espanhol justificam essas apreensões, que o predominio alemão e italiano na peninsula ibérica converteria em justificado alame,

A ESPIONAGEM ALEMÃ NOS ESTADOS UNIDOS

atinge proporções de tal audacia, que a opinião publica americana, sempre pouco inclinada ao panico, já se mostra contudo vivamente inquieta. E as preocupações despertadas pela atividade dos agentes nazistas estendem-se ás esferas governamentais e ao Congresso, dando lugar a medidas de repressão e de vigilancia, pelas quais bem se pode avaliar o perigo real que os espiões do governo de Berlim representam para a segurança da Republica.

Não se trata das manobras habituais da espionagem confiada pelos serviços secretos a individuos que aparentemente atuam por sua conta propria, sem intervenção direta da potencia a que servem ou de entidades ligadas ao respetivo governo. Na espionagem que ora se desenvolve nos Estados Unidos, entram em franca atividade elementos notoriamente associados ao Estado alemão.

O caso da fuga proporcionada a três espiões conspicuos a bordo do transatlantico germanico "Bremen", constitue um fato sem precedente que justificou a indignação por ele provocada na opinião americana. A bordo daquele navio, que é uma das mais importantes unidades da frota mercante alemã, foram ocultos os aludidos espiões, tendo o comandante do "Bremen" deliberadamente iludido as autoridades americanas. Convém acrescentar que a bordo desse mesmo navio já haviam viajado para os Estados Unidos diversos espiões enviados pelo Reich, entre os quais uma mulher disfarçada em manicura, e que oferece algum interesse especial sob o ponto de vista brasileiro.

Entre os documentos apreendidos em poder daquela espiã, figuravam papeis importantes relativos ás atividades nazistas na America Latina, e particularmente ás ligações com os elementos fascistas do Brasil.

A situação diplomática creada pelo caracter afrontoso da espionagem alemã nos Estados Unidos, está determinando séria tensão de relações entre os governos de Washington e Berlim. Por ou-

tro lado a indignação provocada em todas as camadas da população, pelas manobras dos espiões nazistas, tem repercutido no sentido de uma intensificação do boicote popular dos produtos alemães. Esse boicote iniciado como represalia ás odiosas e brutais perseguições sofridas pelos israelitas no Reich, toma agora caráter muito mais geral. O publico americano repele os produtos alemães também como sinal de protesto contra a espionagem nazista.

O efeito determinado nos Estados Unidos pelos fatos a que acabo de referi-me, é tanto maior quanto ainda não estão esquecidas as atividades dos espiões germanicos durante a grande guerra. Realmente, como é sabido, a espionagem alemã não se limita á obtenção de informes, mas caracteriza-se também pela prática de atos de sabotage industrial, de que sérios exemplos foram registrados durante o grande conflito mundial, mesmo ainda quando os Estados Unidos permaneciam neutros.

O ACORDO ANGLO-ITALIANO

não passou ainda da fase de mero platonismo, deante da relutância da Inglaterra em executar aquele ato internacional, sem ter garantias mais solidas da bôa fé do governo de Roma. Realmente a insistencia da Italia em pleitear da França concessões incompatíveis com a segurança da republica vizinha, tem acarretado verdadeiro impasse nas negociações do acordo italo-francês.

Ora, depois das combinações diplomáticas concluídas em Londres nos ultimos dias de abril, a Grã Bretanha e a França uniram-se por laços de intimidade internacional e de solidariedade na paz e na guerra, que tive ensejo de acentuar no "COMENTARIO" da edição de junho de "DIRETRIZES". O espirito do acordo anglo-francês não permite que a Inglaterra imprima um caráter mais amistoso ás suas relações com a Italia, enquanto esta não se resolver a colocar-se para com a França em uma posição de inequivoca sinceridade. Compreende-se portanto que o sr. Neville Chamberlain, apezar do seu intenso desejo de restabelecer a cordialidade anglo-italiana, tenha feito sentir ao sr. Mussolini que a conclusão de um acordo italo-francês é preliminar imprescindivel á execução das combinações feitas em Abril entre os governos de Londres e de Roma.

A atitude da Inglaterra, logicamente decorrente de sua soli-

dariedade com a França está preocupando vivamente o Duce. O principal motivo que levou a Italia a fazer á Inglaterra grandes concessões, inclusive a mais importante de todas, o abandono das suas pretenções a uma paridade naval no Mediterraneo, foi a pre-mencia da situação financeira do tesouro italiano e as graves di-ficuldades economicas com que o país luta.

Defrontada por um deficit na balança mercantil que se vem acumulando desde antes da crise economica mundial de 1929, a Italia sofre os efeitos de um fardo armamentista muito superior á sua capacidade financeira e economica. As enormes despezas com a conquista da Abissinia, e as bastante consideraveis que continuam a ser feitas para conter os etiopes em estado de potencial rebelião, estão sendo acrecidas pelos gastos envolvidos com a intervenção italiana na Espanha.

País desprovido de fontes de materias primas e com deficit na sua balança mercantil, a Italia encontra dificuldades cada vez maiores para adquirir fóra das suas fronteiras tudo que precisa comprar.

Em tais circunstancias o sr. Mussolini contando com as sim-patias de certos círculos ingleses, preparou com alguns poderosos elementos da City a realização de um emprestimo de 25 milhões esterlinos. A concessão deste emprestimo é o preço que a Ingla-terra pagará á Italia pela renuncia a todas as atividades anti-bri-tanicas no Oriente Proximo e ás veleidades fascistas de uma pari-dade naval com a Gran Bretanha no Mediterraneo. Mas o inglês não paga o preço da transação sem ter assegurada a entrega de mercadoria. E esta é no caso representada por uma garantia de que a Italia se conformará com o respeito aos interesses franceses.

Entretanto a situação financeira e economica da Italia torna-se de dia para dia mais melindrosa e isto explica os esforços do Duce, para obter a execução do acordo anglo-italiano. Mas o sr. Neville Chamberlain, por mais simpatico que seja á Italia, é in-glês e tem de dar satisfações á opinião publica britanica. Assim o Duce parece que não receberá os seus 25 milhões esterli... , an-tes de submeter-se aos pontos de vista do governo francés, princi-palmente nos casos da Espanha e da Tunisia...

12 VEZES POR ANO

DIRETRIZES

E' UM PRESENTE
PARA OS QUE

RESPEITAM A CULTURA
DESEJAM A VERDADE
AMAM A CIVILISAÇÃO
CRÊM NA DEMOCRACIA

Estimule um dos mais sérios empreendimentos do periodismo brasileiro, solicitando uma assinatura de _____

DIRETRIZES

DIRETRIZES

RUA SENADOR DANTAS, 44 Sala, 3
RIO DE JANEIRO

SR. GERENTE.

Pela presente remeto-lhe a importância de 18\$0000 (em cheque ou vale postal) como pagamento de uma assinatura anual a começar no n.º

Nome

Rua

Cidade

Estado

DIRETRIZES

Diretor — AZEVEDO AMARAL
Diretor-Secretario — SAMUEL WAINER

Redação — Rua Senador Dantas, 44 — Rio de Janeiro

TELEFONE: 42-5271

Secções permanentes:

Política Nacional
Comentário Internacional
Homem da Rua
Recordações de um político
Crônica
Problemas Brasileiros
Questões Económicas
Problemas Educacionais
Teatro
Documentos
Cinema
Reportagens
Editoriais políticos

Artigos de grandes notabilidades estrangeiras
Colaborações dos maiores nomes da cultura nacional.

NO DIA 1.º DE CADA MÊS
NAS LIVRARIAS E BANCAS

64 PAGINAS 1 \$ 500